

## Letras e Artes em ação: a produção de textos de cordel por alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA)

Gilcélia Cristina de Magalhães Bastos  
Doutoranda em Letras pela UFF e Professora do IFRJ  
gilceliacristina@yahoo.com.br

### *Resumo*

Este artigo tem como objetivo apresentar um relato de experiência de sala de aula, vivenciada com e por alunos de uma turma de EJA no IFRJ<sup>1</sup>. Em nossa instituição, o curso utiliza a proposta teórica da **Pedagogia de Projetos** com o objetivo de integrar seus diversos componentes curriculares. Em 2007, foi realizado, em Língua Portuguesa, um trabalho de produção de textos de cordel, em conjunto com Artes, articulado ao tema “Meio ambiente e cidadania”, escolhido pela turma para desenvolver o eixo temático de seu módulo.

### *1. Breve contextualização*

Em 2006, o Decreto Federal 5.840 instituiu o Programa Nacional de integração da Educação Profissional com a Educação Básica na modalidade EJA (PROEJA). Sendo assim, todas as instituições federais de ensino que já trabalhavam com a educação básica precisaram oferecer cursos nessa nova modalidade. A nossa instituição – atualmente denominada IFRJ – optou pela área de Informática, implementando o curso de Instalação e Manutenção de Computadores<sup>2</sup> (Ensinos Médio e Técnico Integrados).

A metodologia, desde o início, baseia-se na orientação teórica da **Pedagogia de Projetos**, por possibilitar a articulação dos diversos componentes curriculares, propiciando aos educandos uma visão mais ampla e integrada dos conhecimentos<sup>3</sup>. O “produto final”,

<sup>1</sup> Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro

<sup>2</sup> Atualmente denominado “Curso Técnico em Manutenção e Suporte em Informática”.

<sup>3</sup> Para informações a respeito dos eixos que norteiam os projetos integradores, consulte <http://proeja.com/estatico/projetos.html>.

fruto de todo o trabalho interdisciplinar desenvolvido ao longo do semestre, é apresentado por cada turma em uma ação comunitária.

Em 2007, em uma turma de segundo período, foi desenvolvido um trabalho de produção de textos de cordel, com o objetivo de integrar um tópico do programa de ensino de Língua Portuguesa – princípios básicos da versificação – ao tema “Meio ambiente e cidadania”, escolhido pela turma para desenvolver o eixo temático de seu módulo. O sucesso desse trabalho nos motivou a apresentar o relato dessa experiência, divulgando-o na esfera acadêmico-escolar.

## **2. *Referencial Teórico***

Nesse momento, é importante se fazer uma rápida consideração a respeito da forma como, historicamente, os governos têm tratado a questão dos jovens e dos adultos que não conseguiram prosseguir (ou, até mesmo, iniciar) seus estudos. A educação de jovens e adultos tem sido um “joguete” nas mãos do Estado. As suas ações sempre foram centradas em propostas que não levavam em conta o trabalho informal, já desenvolvido por vários setores da sociedade civil – sindicatos, igrejas, centros comunitários, etc. Os principais interessados nunca participaram efetivamente da elaboração das políticas educacionais implementadas pelos governos. Se considerarmos, como GADOTTI (2001, p.35-36), os três períodos da história da educação de adultos no Brasil (de 1946 a 1958; de 1958 a 1964 e a partir do governo militar até os nossos dias), verificaremos a presença do mesmo “ranço” autoritário, expresso nas relações entre o governo e a sociedade civil.

Obviamente, em alguns momentos – e aí destacamos a época do governo João Goulart – esse autoritarismo foi revestido por um discurso de intenção democrática (lembramos a participação de Paulo Freire na construção de um Programa Nacional de Alfabetização de Adultos). Apesar disso, ao contrário dos ensinamentos de Paulo Freire, a prática continuava sendo populista e autoritária, na medida em que o intelectual / educador, seja atuando nos sindicatos, seja nos movimentos de cultura popular, seja em outro qualquer setor da sociedade, achava-se imbuído de uma missão – a de “conscientizar” as

camadas populares, que estavam completamente alienadas do processo histórico. O intelectual, assim, detinha o “saber”; o “povo” não sabia nada.

Verificamos que esse “ranço” autoritário advém historicamente de uma prática autoritária e de exclusão que, em nosso país, é muito forte. Suas raízes estão na forma como se deu a nossa colonização, nas relações com o outro – o índio e o negro. O apagamento do outro, na verdade, é um mecanismo de apagar também as diferenças, forjando uma identidade nacional coesa e única. Na verdade, esse mecanismo vem se perpetuando e se traduzindo nas diversas práticas, nas ações do cotidiano, na relação dos governos com a sociedade civil, etc.

Algumas ações efetivas foram propostas pelos governos, ao longo da história, principalmente depois da Segunda Guerra Mundial, quando a educação de jovens e adultos começou a ser desvinculada da educação elementar – enfoque dado por uma tendência mundial. A partir daí, cada governo, de acordo com os seus interesses políticos, desencadeou uma ação específica para o tratamento dessa questão. Mudavam os governos, mudavam-se os enfoques. Os currículos impostos – entendendo aqui currículo numa perspectiva mais ampla, não apenas como um “manual” de listagem de conteúdos, objetivos e metodologia, mas, principalmente, como um projeto político-educacional – tinham relação direta, assim, com a feição político-ideológica do governo que estava no poder naquele momento.

Esse pequeno histórico de como vem sendo tratada a educação de jovens e adultos, em nosso país, apresenta uma questão bastante importante: os currículos sempre foram produtos e instrumentos de uma política governamental que visava à conservação do *status quo*. Parafraseando Sússekind (1984)<sup>4</sup>, poderíamos, então, perguntar: Tal governo, qual currículo? O currículo, sempre imposto, seria, assim, reflexo da concepção político-ideológica de um grupo: o que estava no poder. Na ânsia por corroborar essa concepção, o governo instituído não levava em conta as necessidades, os anseios, os desejos daqueles que estavam diretamente envolvidos no processo pedagógico – os educadores e os educandos – já que a sua efetiva participação poderia representar um “perigo” às ideias hegemônicas do governo.

---

<sup>4</sup> Parafraseando o título de seu livro *Tal Brasil: qual romance?*

Uma reflexão como essa parece óbvia, representando um “lugar-comum” nas teorizações modernas sobre o currículo. Como lembra Silva (2001, p.35),

(...)o currículo da escola está baseado na cultura dominante: ele se expressa na linguagem dominante, ele é transmitido por meio do código cultural dominante.

A questão, entretanto, precisa ser aprofundada. Se um governo popular assume o poder e, da mesma forma, tenta impor um currículo, por mais que este apresente princípios que favoreçam a “libertação” da classe dominada, continuará representando a mesma relação unívoca metaforizada pela pergunta “tal governo, qual currículo?” que, efetivamente, exclui a diferença, porque não inclui o outro na discussão e no processo de construção deste currículo.

É mister considerar que o currículo é um objeto de representação social, sendo, portanto, construído no aqui e agora. A opção, assim, pela pedagogia de projetos facilita a interação dos atores participantes do processo pedagógico que constrói o currículo. Este, na verdade, não existe *a priori*. Existe sim um pressuposto político-pedagógico que, a nosso ver, propicia a construção de um currículo participativo. Quanto aos conteúdos dos componentes curriculares, respeitando-se as especificidades de cada componente, procura-se relacioná-los aos eixos temáticos que norteiam os projetos desenvolvidos por alunos e professores.

Por isso, insistimos na concepção de currículo como objeto historicamente construído, levando também em conta a situação de alijamento em que se encontram os jovens e adultos trabalhadores e desempregados do nosso país, que nunca sequer foram ouvidos a respeito dos currículos com os quais eles próprios teriam de trabalhar. À sua revelia, foram incorporando valores, comportamentos, hábitos que estariam compondo o desenho de sua identidade.

Para finalizar a nossa reflexão sobre currículo, cabe voltarmos à nossa pergunta inicial, agora de forma mais específica: *governo Lula, qual currículo?* Estamos ainda vivenciando esse processo, portanto, ainda não temos a visibilidade necessária para conclusões mais precisas e contundentes. De toda forma, o Decreto de 2006 contemplou uma antiga e urgente necessidade: a abertura formal, em escolas da rede federal de ensino,

de um espaço para que jovens e adultos brasileiros, excluídos da escola, pudessem se inserir novamente no processo escolar e educativo no Brasil. Cabe a nós, educadores, aproveitarmos esse espaço para implementarmos metodologias que realmente favoreçam a inclusão desses educandos em nossas instituições. A pedagogia de projetos é, a nosso ver, uma das opções.

Para melhor compreendê-la, algumas considerações serão feitas, iniciando-se pelo próprio significado da palavra “projeto”. Esta vem do latim *projectu*: lançado para fora. Indica, portanto, algo que se pretende realizar; um esboço, um plano que se quer efetivar. A própria palavra, assim, já sugere a ideia de construção. No caso da pedagogia de projetos, uma construção coletiva, a partir de um eixo temático norteador.

Um projeto temático, desse modo, pode ser um instrumento eficaz e prazeroso na construção de saberes, de conhecimentos, que ocorrem durante todo o processo de interação dos atores envolvidos. Como afirma NOGUEIRA (2005, p.38), “poderá unir, ligar, inter-relacionar, integrar, propiciar ações coletivas e cooperativas, que envolvam toda a comunidade, os diferentes saberes e conhecimentos”.

Essa metodologia favorece também o trabalho que objetivamos desenvolver em Língua Portuguesa: construir, em conjunto com os nossos alunos, uma metodologia adequada ao seu universo cognitivo, de modo a ampliar a sua capacidade de linguagem, incluindo, além da norma culta e outras variantes, os domínios discursivos (semânticos).

Nessa perspectiva, é fundamental uma prática dialógica. As indagações sobre a formação discursiva desses sujeitos e a sua inserção em determinadas formações ideológicas precisam ser, assim, um tema constante em nossas discussões. Nesse sentido, a língua portuguesa é um dos componentes para se trabalhar a linguagem. Esta entendida como espaço privilegiado da interação desses sujeitos com o seu meio social. O estudo da linguagem possibilitaria a sua emersão, a partir de uma ação interativa, sabendo-se inseridos sempre num campo de luta, de confronto de ideologias e discursos.

Dessa forma, a linguagem passa a ser um fenômeno que deve ser estudado não só em relação ao seu sistema interno, enquanto formação linguística a exigir de seus usuários uma competência específica, mas também enquanto formação

ideológica, que se manifesta por meio de uma competência sócio-ideológica (BRANDÃO, 1998, p.18).

Trabalharíamos, então, dialeticamente, a formação linguística desses sujeitos e a sua formação discursiva. Como a formação discursiva “se define pela sua relação com a formação ideológica, isto é, os textos que fazem parte de uma formação discursiva remetem a uma mesma formação ideológica” (BRANDÃO, 1998, p.90), o aspecto ideológico seria sempre posto em foco. Vemos, dessa forma, a importância, neste trabalho, de estarmos dialogando, trocando, enfim, interagindo com outras disciplinas, que contribuiriam tanto no aspecto da formação ideológica e discursiva desses sujeitos, como em sua formação linguística. Além disso, na verdade, **ao mesmo tempo**, estaríamos contribuindo na construção do projeto temático desenvolvido no decorrer das aulas.

### **3. *Relato de experiência***

A experiência, a seguir descrita, foi vivenciada com e por alunos da primeira turma de 2006/2, ano em que o PROEJA foi implementado em nossa instituição. No primeiro semestre de 2007, essa turma estava no segundo período (módulo II), cujo eixo norteador para efeito do projeto interdisciplinar é “Tecnologia para a inclusão social – o aluno inserido em sua comunidade”. Naquela ocasião, após alguns debates entre alunos e professores, decidiu-se por desenvolver um projeto sobre “Meio ambiente e cidadania”, que seria apresentado em uma ação comunitária.

Vários textos, de gêneros diversos, não somente em Língua Portuguesa, foram compartilhados, em sala de aula, para que tivéssemos um bom referencial e pudéssemos desenvolver o projeto temático escolhido. A poesia, por exemplo, também foi um gênero trabalhado com essa finalidade. Ao mesmo tempo, em Língua Portuguesa, aproveitamos para desenvolver “noções de versificação”. Para trabalharmos também as variantes linguísticas e discutirmos a questão do preconceito linguístico, optamos por nos “debruçar” sobre a poesia de cordel.

Para tanto, levamos os alunos para o laboratório de Informática e pesquisamos, na Internet, sobre a poesia de cordel. À medida que os alunos identificavam textos que consideravam interessantes, compartilhavam a leitura com os outros, gerando uma discussão. Em um segundo momento, também no laboratório de Informática, pesquisaram sobre poemas de cordel de autores diversos. Da mesma forma, uns liam para outros os poemas de que mais gostavam. Ao lado disso, compartilhávamos com eles conhecimentos específicos da estrutura dos textos de cordel: metrficação, rima, ritmo. Aproveitávamos também para discutir a questão da variante linguística utilizada, comparando com poemas já lidos em sala de aula, o que gerou uma discussão sobre o preconceito que, muitas vezes ocorre, em relação a determinadas variantes.

Em outro momento, foram produzidos os textos de cordel, individualmente ou em grupo, sempre aproveitando o espaço do laboratório de Informática – tão familiar para os alunos. Os poemas versavam sempre sobre a temática do projeto da turma: “meio ambiente e cidadania”. Resolvemos, para ilustrar os poemas, usar a técnica da xilogravura. Recorremos, então, ao professor de Artes<sup>5</sup> para nos auxiliar no aprendizado desta técnica.

Ao final, todos juntos – professores, alunos e coordenadores – decidimos pela inserção do trabalho na **ação comunitária** – uma espécie de exposição de todos os trabalhos, desenvolvidos, em conjunto, pelos vários componentes curriculares, no decorrer do semestre. Nesse dia, os alunos da turma de segundo período ministraram uma oficina para os visitantes. Primeiramente, compartilharam a técnica da xilogravura; a seguir, após a apresentação dos poemas que haviam escrito durante as aulas, no laboratório de Informática, solicitavam que cada participante escolhesse um dos textos – pendurados no varal – e o ilustrasse, empregando a técnica da xilogravura. Posteriormente, produziu-se uma coletânea com os textos dos alunos, ilustrados com xilogravuras da comunidade<sup>6</sup>.

Ao fazermos uma avaliação conjunta deste trabalho com os alunos, verificamos a sua eficácia, por ter propiciado: a) interação e integração de alunos, professores e comunidade; b) ampliação de conhecimentos e saberes: técnica da versificação, poesia de cordel, técnica da xilogravura; c) desenvolvimento da competência da oralidade e da

---

<sup>5</sup> Professor Ronaldo Vicente Pereira.

<sup>6</sup> No ANEXO, podem ser lidos o texto da apresentação da coletânea e um poema de cordel escrito por um aluno da turma.

escrita; d) elevação da autoestima e da autoconfiança dos alunos; e) conhecimento como rede de significados<sup>7</sup>.

#### 4. *Últimas palavras*

O relato de experiência apresentado contribuiu para reforçar concepções importantes sobre práticas, ao mesmo tempo, eficazes e prazerosas, que estimulam o nosso fazer pedagógico. Uma dessas concepções, sobre a qual já tecemos considerações, é a convicção de que todos nós – educadores e educandos – precisamos interagir para produzir conhecimentos.

A interação promove um ambiente rico em vozes, sonantes e dissonantes, que nos fazem, em meio ao confronto, ao embate das ideias de sujeitos com formações discursivas, muitas vezes, tão diferentes, desenhar e redesenhar o nosso eu. É assim com todos aqueles que têm a possibilidade de conviver em espaços polifônicos. Bakhtin<sup>8</sup> é um exemplo concreto de como o indivíduo é afetado pelo entorno, pelas vozes que fazem parte da sua historicidade. Na medida em que viveu em um ambiente polifônico<sup>9</sup>, é que foi sendo construída uma subjetividade tão inventiva, rica e produtiva como a do autor russo.

Pelo exposto, evidencia-se a necessidade de abertura da sala de aula para a interação, para o dialogismo, para a polifonia, que resultam na construção de uma identidade socialmente ativa.

---

<sup>7</sup> Nesse caso, não há, necessariamente, uma linearidade de conteúdos, como no pensamento cartesiano. Um conteúdo se interliga a outro, naturalmente, de acordo com a necessidade do grupo. A hierarquização dos conteúdos passa a não ser mais o foco principal.

<sup>8</sup> Mikhail Mikháilovitch Bakhtin (1895-1975): estudioso e filólogo russo.

<sup>9</sup> FARACO (1998, p.9) sugere a relação entre aspectos da liturgia ortodoxa russa (vivenciada por Bakhtin) e a teoria bakhtiniana, indicando sugestões. Dentre estas, destacamos a interação sócioverbal; a polifonia e a compreensão ativa e responsiva.



## **Referências**

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. 7. ed. Campinas, SP: Editora da UniCamp, 1998.

FARACO, Carlos Alberto. Perscrutando fontes: Bakhtin e a liturgia ortodoxa russa. *Educação em foco*, Juiz de Fora, v. 3, n.2, p. 9-26, set./98-fev./99.

GADOTTI, Moacir & ROMÃO, José E. *Educação de Jovens e Adultos: correntes e tendências*. Teoria, prática e proposta. 3. ed. São Paulo: Cortez, Instituto Paulo Freire, 2001.

NOGUEIRA, Nilbo Ribeiro. *Pedagogia dos projetos: etapas, papéis e atores*. São Paulo: Érica, 2005.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade; uma introdução às teorias do currículo*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SÜSSEKIND, Flora. *Tal Brasil, qual romance? uma ideologia estética e sua história: o naturalismo*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

## **Anexo**

### **Texto de apresentação da coletânea**

É com muita satisfação que apresentamos esta pequena coletânea de textos de cordel, construída pelos alunos e alunas do segundo período do curso de Informática.

Estes textos de cordel foram produzidos, durante as aulas de Língua Portuguesa, com o objetivo de integrarem o projeto do semestre, intitulado “Ação comunitária”, que reuniu vários outros trabalhos dos alunos, nas demais disciplinas. Na “Ação comunitária”, todos esses trabalhos foram compartilhados com visitantes da comunidade.

Quanto aos poemas de cordel, além da apresentação musical, preparada pelos alunos, foi oferecida também uma oficina de xilogravura, orientada pelos professores de Artes. Nesta, os visitantes escolhiam alguns textos e os ilustravam. Posteriormente, as ilustrações foram acopladas aos textos para a produção da coletânea.

Por tudo isso, justifica-se a nossa alegria e a nossa satisfação. O trabalho conjunto, fruto de uma participação coletiva, integradora, é o que mais desejamos em nossa prática pedagógica. Apesar da singeleza deste trabalho, ele é um exemplo de que esse sonho é possível.

Queremos continuar sonhando, rompendo as amarras de uma prática individualista e castradora, que tem aprisionado, há séculos, tantos educadores e educandos. Queremos continuar sonhando, construindo,

mesmo com pequenos (grandes!) trabalhos como este, uma prática coletiva e libertadora, alegre e prazerosa. Queremos continuar sonhando...

Com muito carinho,

professoras e estagiários de Língua Portuguesa; coordenação do curso.

Poema de cordel

### **O Ser humano e a Natureza<sup>10</sup>**

Venho aqui pra alertar  
O que tenho aprendido  
Fazer aqui tu ficar  
Com o juízo entendido  
Devemos de restaurar  
O que temos destruído

A Natureza reclama  
E traz a destruição  
Pois há florestas em chamas  
Lá fora e aqui na nação  
O nosso mundo precisa  
De uma grande solução

Nós temos que nos unir  
Pra não perder nossas casas  
Pra não perder nosso ar  
Pro mar não nos engolir  
Só nos resta criar asas  
Voar pra longe daqui

Não é isso que queremos  
Para o seu e o meu futuro  
Queremos um ar mais puro  
E como herança deixar  
Para nossos pequeninos  
Que aqui vão ter de habitar

Meio ambiente mais limpo  
O ser humano merece  
Às vezes ele se esquece  
Comete muita besteira  
Vamo alertar essa gente  
Pra limpar essa sujeira

Desenhamos o futuro  
Rascunhando o presente  
Participando de tudo  
Nunca ficando ausente  
E se o passado foi falho  
Remédio agora é urgente

---

<sup>10</sup> Aluno Washington L. A. Silva, da turma INF322. Julho de 2007.